

"Uma caçada em tempo de Guerra"

Falar dos tempos da guerra de África, nem sempre é fácil, especialmente porque já muitos contaram as suas *estórias* em livros que aqui e ali se foram editando, vendido ou oferecidos à família e aos amigos. São testemunhos de acontecimentos que assim não morrerão no esquecimento e que impedirão o negar de uma Guerra que existiu e onde em que os portugueses tomaram parte, tendo lá perecido cerca de 10 000 militares..

Vou pois recordar tempos vividos no Norte de Angola, mais propriamente na zona de BENZA, SUMBA, Pedra do Feitiço, na area de actuação da C.Caç 105/RI20.

Estávamos em Março de 1969, quando fui substituir um Capitão que tinha adoecido gravemente e fora evacuado para Luanda.

Uns dias depois de ter chegado, fui informado pelo Sargento Vaguemestre (responsável pela alimentação) que a carne e o peixe que tínhamos recebido de Luanda, não estava nas melhores condições e que só já tínhamos bacalhau enlatado, arroz, batata e rações de combate. Confirmada a situação e, porque nos locais de guerra não havia mercado local e já estávamos fartos de arroz de bacalhau, aceitei a proposta dos Alferes, para se organizar uma caçada.

Convençeram-me dizendo que por vezes essa situação já tinha acontecido, que os resultados tinham sido satisfatórios e tinham resolvido sempre o problema sem qualquer dificuldade.

Perguntei se havia voluntários para a caçada. Ofereceram-se de imediato todos os Alferes.

Como “na tropa a antiguidade é um posto”, dei indicações ao Alferes mais antigo para organizar a “equipa de caça” com o seu Grupo de Combate, de modo a que não se descursasse a segurança.

Disse-lhe que levasse o seu pessoal equipado com o armamento individual e ração de combate, dispondo para o seu transporte de 2 Unimogs e uma Viatura Pesada Berliet, onde iria também instalada uma Metralhadora pesada Breda. Mais solicitei que tentassem com todo o cuidado abater uma só Pacaça, em zona onde não houvesse qualquer risco para o pessoal e que fosse montada a segurança enquanto a equipa efectuava a caçada do animal.

Asseguraram-me que só um é que dispararia, para evitar problemas. Que iriam caçar na zona do Rio Quibo a cerca de 15Km, a Norte do Aquartelamento, uma zona de capim médio com visibilidade suficiente onde, em principio, não haveria problemas de segurança e tinham avistado uma manada de pacaças há pouco tempo.

Nesse mesmo dia, a meio da tarde, lá seguiu o Pelotão do Alferes Montanha, muito satisfeito por ir cumprir a missão de caça para reabastecimento da Companhia. Cerca das 17H00 enviou uma mensagem via rádio, a confirmar que se encontrava no local previsto, que já tinha avistado o objectivo, e iria iniciar a acção logo que possível, visto que os animais estavam em movimento. Cerca das 21h00 recebi nova mensagem, informando que estava tudo sob controlo mas que ainda iam demorar um bocado, para finalizar a operação.

Cerca da meia-noite, finalmente, o Alferes regressou com o seu pessoal e duas pacaças na Berliet, informando que tinha havido um pequeno problema mas que tudo acabou por correr bem.

Quando lhe perguntei a razão da existência de duas pacaças e não uma, o Alf. Montanha respondeu que ainda lá tinham de ir buscar mais três, porque assim que se abateu o primeiro animal, a manada investiu contra os caçadores e, face à reacção dos animais, tiveram de abater as pacaças à medida que estas iam atacando as viaturas. A manada só desistiu e retirou depois de ter sido abatido o pacação chefe da manada. Tiveram ainda dificuldades para acabar de matar os animais feridos, reunir a caça e carregar. Só carregaram as duas pacaças mais pequenas para a Berliet e agora teriam de ir lá com outra Berliet com gincho para carregar as restantes .

Nessa mesma noite entrámos em contacto pessoal com os Sobas do Vombo, Benza, Quimbambe e Guemba, oferecemos uma pacaça a cada uma destas sanzalas e ficámos com a mais pequena para a Companhia, pois os meios de frio que possuíamos a mais não aconselhavam. Todos os Alferes se encarregaram de fazer a distribuição pelas sanzalas e lá , os Sobas dividiram a carne pelos habitantes. Ficámos assim, livres das pacaças, com os Sobas *vizinhos* satisfeitos e, com uma certa sorte, com mais um problema resolvido .

Ainda não tínhamos “digerido” bem o assunto, quando, dois dias depois vejo aproximar-se da porta do quartel, uma pequena multidão encabeçada pelos Sobas das sanzalas locais, que pediram para falar comigo.

Recebi-os e ouvi o que eles tinham para me contar. Vinham agradecer a carne que lhe deramos e em compensação traziam bananas, galinhas e ovos, ou seja aquilo que também eles tinham disponível.

Olhei-os sensibilizado pela atitude tomada e disse-lhes que não era necessário pois o que tínhamos feito tinha sido uma acção de partilha do que tínhamos em excesso, sem qualquer outra intenção que não a do melhor aproveitamento dos recursos ambientais. Eles responderam que tinham entendido, que com eles estavam os seus povos que queriam agradecer e também partilhar conosco aquilo que tinham e que ficariam muito tristes se não aceitássemos.

Face a essa explicação resolvi aceitar a oferta e mandei entrar as populações a quem ofereci umas bebidas e agradeci. De imediato o Soba mais velho pediu que se desse início ao batuque, sinal de entendimento e amizade., Durou cerca de uma hora. Por fim regressaram às suas sanzalas.

E assim se trocaram pacaças por ovos, galinhas e bananas e se grangeou o apoio das populações vizinhas, com quem nunca tivemos problemas .

Esta é uma estória que demonstra que a acção militar na Gerra de Africa não se esgotava nos actos de guerra.

Os militares, junto das populações, desempenhavam também funções de apoio de âmbito psicosocial e sanitário, dando assim corpo a princípios como o do respeito pelas pessoas e ambiente e o da solidariedade humana.

José M.G. Novo

Coronel de Infantaria/ CEM/Ref-Capitão de Abril